

# Garimpeiros brasileiros deixam 'Garimpito'

JOÃO ALBERTO FERREIRA

TABATINGA (AM) — Na última quarta-feira — um dia depois do ataque de guerrilheiros colombianos ao destacamento do 1º Batalhão Especial de Fronteira (BEF) do Solimões e dois dias antes de o Exército brasileiro saber o que acontecera — quatro garimpeiros brasileiros fugiram do garimpo colombiano de "Garimpito", controlado pela Coordenadora Guerrilheira Simón Bolívar, para o garimpo de São Gabriel da Cachoeira, na "Cabeça do Cachorro", oeste do Amazonas.

Eles foram pedir trabalho ao Presidente da União dos Sindicatos Garimpeiros da Amazônia (Usugal), José Altino, que controla o garimpo, e contaram que fugiram de "Garimpito" porque os garimpeiros de lá estavam armados com metralhadoras e a situação se tornava cada dia mais tensa. A tensão aumentara porque o Exército brasileiro estava — e continua — confiscando o ouro tirado ilegalmente pelos colombianos, atirando-o de volta ao rio Traíra. Na sexta-feira, Altino soube do ataque pela TV e telefonou imediatamente para o Chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, General Taumaturgo Sotero Vaz, avisando-o:

— Foram garimpeiros colombianos.

Em dezembro, Altino dissera ao Comandante do 1º BEF, Tenente-Coronel Evandro Augusto Pamplona Vaz, que estivera na região do rio Traíra e vira, no lado brasileiro da fronteira, mui-

tos garimpeiros colombianos procedentes de "Garimpito" armados com metralhadoras UZI de fabricação israelense e fuzis automáticos americanos R-15 — o mesmo tipo de armamento utilizado no ataque ao posto do Exército.

Segundo Altino, Pamplona não teria acreditado na informação:

— Eu disse a ele que vi 85 garimpeiros colombianos armados na região e ele não acreditou em mim.

José Altino acredita que os guerrilheiros atacaram para se vingar do confisco, pelo Exército brasileiro, do ouro que os garimpeiros colombianos extraem:

— Eles consideram uma afronta tomar seu ouro sem a instalação de um processo legal.

O Tenente-Coronel Pamplona confirmou ontem que o ouro confiscado dos colombianos no Brasil é atirado no rio Traíra. Explicou que a medida evita problemas como os que acontecem com a apreensão de drogas, quando os traficantes, com frequência, denunciam o desaparecimento de uma parte do produto:

— Atiramos no rio na hora. Assim não há dúvidas.

Pamplona vai deflagrar a operação conjunta com o Exército colombiano para capturar os guerrilheiros no momento em que for concluído um levantamento sobre o grupo.

— Estamos levantando informações para identificar guerrilheiros, saber sua localização e confirmar a existência de armamento pesado em "Garimpito". Só posso dizer que a ação não será hoje nem amanhã, mas muito em breve.



O Tenente-Coronel Evandro Pamplona passa a tropa em revista na fronteira



Dona Zilda, mãe do soldado Sidmar

## Convívio diário com a tensão e o medo

TABATINGA, AM — A tensão e o medo dominavam os soldados que serviam no destacamento atacado pela guerrilha colombiana desde que ele fora criado, em maio do ano passado. Nas três vezes em que o soldado Sidmar Fonseca Moraes, morto no ataque, foi para o destacamento, houve escaramuças entre os garimpeiros colombianos que procuravam ouro na região do Rio Traíra e os soldados.

A viúva do soldado Sanção Ramos Gonçalves, Dulcineia Vieira Gonçalves, disse que o marido andava preocupado porque o clima estava muito tenso, por causa da prisão de garimpeiros colombianos. Sanção teve medo de ir para o destacamento em dezembro, na troca da guarda — o revezamento é feito de 35 em 35 dias — e conseguiu adiar sua ida. Acabou morrendo no ataque da semana passada.

A mãe de Sidmar, Zilda Fonseca de Freitas, disse que seu filho também tinha medo. Na primeira vez em que foi para o destacamento, ele e mais dois soldados perseguiram dois colombianos que transportavam tambores de combustível. Os colombianos tentaram fugir, quando receberam ordem para parar, e os soldados atiraram no bote. Os colombianos pularam na água, nadaram e desapareceram.

— Ninguém conseguiu dormir. Meu filho e seus companheiros ficaram com medo de uma vingança — disse Zilda.

## Presidente sabia do problema desde dezembro

BRASÍLIA — O Presidente Fernando Collor estava alertado desde dezembro pelo Exército sobre os riscos de um confronto sério entre militares do Batalhão de Fronteira e garimpeiros controlados pela guerrilha colombiana. Em sua última passagem por Tabatinga, no dia 1º de dezembro, Collor foi convidado a participar de uma reunião secreta, quando o Comandante do Batalhão de Fronteira, Tenente-Coronel Evandro Pamplona Vaz, que lhe mostrou um vídeo onde apareciam 92 colombianos presos por invadir o território brasileiro e atacar garimpeiros brasileiros que trabalhavam na

Serra do Traíra. Certo de que a situação acabaria se agravando, o Comandante Pamplona Vaz pediu que o Governo atuasse diretamente junto às autoridades colombianas, para conter o avanço da guerrilha sobre o território amazônico.

Após um encontro ontem com o Presidente, o Ministro do Exército, Carlos Tinoco, acredita que terá recursos para a instalação definitiva de um pelotão na região do rio Traíra. O Ministro não recebeu de Collor uma estimativa de quanto poderá receber da Secretaria de Assuntos Estratégicos, coordenadora do

Programa Calha Norte, que até agora só liberou 8% da verba do Programa, mas demonstrou otimismo de que os recursos serão liberados o mais rapidamente possível.

Ontem, o Presidente Fernando Collor entregou ao Ministro do Exército, Carlos Tinoco, uma mensagem na qual lamenta a morte dos três soldados que faziam parte do destacamento do Exército brasileiro atacado pelos guerrilheiros. Na mensagem, o Presidente diz que os soldados foram vítimas de uma "agressão covarde" e manifesta solidariedade às suas famílias.